

A (RE) PRODUÇÃO IDENTITÁRIA INFANTIL: UMA ABORDAGEM A PARTIR DE UM PROJETO DE PESQUISA REALIZADO EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE PORANGATU-GO

**Matheus Lucio dos Reis Silva,
Wendia Monteiro dos Santos,
Rozane Alonso Alves,
Jonatha Daniel dos Santos**

- 1 (Acadêmico de Ciências Biológicas pela UEG e participante do GPEA- Grupo de Pesquisa em Educação na Amazônia).
- 2 (Acadêmica de Ciências Biológicas pela UEG e participante do GPEA- Grupo de Pesquisa em Educação na Amazônia).
- 3 (Professora Me. da UEG e pesquisadora do GPEA- Grupo de Pesquisa em Educação na Amazônia).
- 4 (Professor Me. e pesquisador do GPEA- Grupo de Pesquisa em Educação na Amazônia).

Introdução (Problemática e Objetivos)

O presente artigo procura problematizar como são os processos de (re) produção das identidades infantis e quais os mecanismos que permeiam tais questões no ambiente escolar. Dessa forma, os objetivos dessa pesquisa são compreender como as identidades são produzidas no contexto da escola; observar como as crianças constroem tais relações com seus pares e como os professores participam destes processos.

Referencial Teórico

É interessante problematizar como essas questões identitárias perpassam as crianças que se inserem na educação, entendendo que este é o espaço onde as identidades étnicas e raciais se encontram com mais frequência, transitam no mesmo contexto, vivenciam e experienciam juntas situações complexas que envolvem a sociedade.

Neste sentido, torna-se relevante perceber como as infâncias são percebidas, por exemplo pela sociologia da infância. Segundo Sarmiento (2007) as culturas infantis podem ser entendidas como a relação de uma interação com o mundo, bem como com os sujeitos deste mundo (crianças, adultos). Para o autor, nas crianças “se enraíza numa concepção de pertença a sociedade global, como sujeito histórico, com características próprias, a quem são reconhecidos direitos de participação social” (p.23).

O autor ao discorrer sobre a “ação concreta de cada criança, nas condições sociais

produzem a possibilidade de sua constituição como sujeito e ator social”, ressalta que as crianças são cotidianamente convidadas a fazer uma “bricolagem social” para garantirem a reprodução interpretativa das suas raízes culturais no cotidiano das suas existências” (2007, p.26).

O texto de Sarmiento (2007) na passagem que se encontra no livro “produzindo pedagogias interculturais na infância” referente ao projeto Mato, onde o autor fala sobre as relações e reações que as crianças portuguesas tinham durante o projeto frente aos nomes e o “colorido as peles” das crianças brasileiras. Nestes trabalhos, o autor relata como as crianças vão produzindo suas identidades acerca das questões étnicas e raciais por meio da relação que as crianças estabeleciam entre elas mesmas, pois iam percebendo as diferenças culturais entre si e reconhecimento as complexas relações sociais que nos produzem.

Neste sentido, “ as culturas da infância vivem do vai-vém das representações do mundo feitas pelas crianças em interação com as representações adultas dominantes. ” (SARMENTO, 2007, p.23). Para Sarmiento, “a infância ainda é compreendida dentro de parâmetros de um estatuto minoritário, como um período onde os indivíduos requerem proteção, porque sabem menos, tem menos maturidade e menos força, em comparação com os adultos” (2007, p.25).

As crianças estão imersas no mundo das culturas que compõe seus espaços de vida. Esses lugares de cultura estão na aldeia, nos espaços rurais que compõem a comunidade onde residem, assim como os espaços urbanos, deste modo as crianças fazem uso de blusas/camisetas com emblemas de cantores e cantoras que gostam, jogos eletrônicos, entre outros, bem como a própria ressignificação desses artefatos. Elas, por sua vez, fazem uso de outros artefatos culturais que produzem as suas identidades – criança-sujeito-aluno.

No entanto, cada criança com sua particularidade, com sua multiplicidade de significados e representações, que dará a elas modos de ser específicos e coletivos diferentes das demais crianças, bem como suas posições políticas e históricas que são produzidas por elas.

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma identidade em seu significado tradicional – isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras,

inteiriça, sem diferenciação interna. (HALL, 2012. p.110).

A contemporaneidade é marcada por diversas mudanças em diferentes áreas, uma delas de grande impacto foi a social, a maneira como os indivíduos de (re) organizam, (re) criam e (re) produzem está modificada. Bauman (2001) diz chama a contemporaneidade de modernidade líquida, uma vez que esta comporta-se como tal, ou seja, quando sob pressão ela rapidamente altera sua forma, assim não possui uma forma definida, em contraposição da modernidade sólida que era marcada pela forma definida, fixa, imutável.

Nestes processos, superficiais, flexíveis, outro conceito fundamental encontramos em Bhabha (1990), no qual fala sobre a hibridização, esta que compreende que quando duas identidades ou duas culturas diferentes encontram-se, chocam-se, elas criam o chamado terceiro espaço, onde há aí um intercâmbio de significados, conceitos e perspectivas e ao fim deste há um agente híbrido, ou seja, um agente que é resultado da mistura entre os diferentes.

Metodologia

Para construir esta pesquisa optou-se por utilizar a pesquisa qualitativa de Bogdan e Biklen (1994, p.17), isto dá-se, uma vez que, para tais autores esta modalidade de pesquisa possibilita ao investigador frequentar “os locais em que naturalmente se verificam os fenômenos nos quais está interessado, incidindo os dados recolhidos nos comportamentos naturais das pessoas. ”

Dessa forma, baseando-se em (BOGDAN; BIKLEN, 1994) a pesquisa procura produzir dados a partir da análise do cotidiano escolar das crianças, suas brincadeiras, rodas de conversa, compreendendo que estas são extensões de seus modos de ser e de (inter) agir, assim o diálogo dinâmico entre as crianças e para com o pesquisador, possibilita a produção de dados. Tal instrumento metodológico permite que a pesquisa tenha uma proximidade com os sujeitos no cotidiano pedagógico.

Outra abordagem, método, para obtenção de dados são os desenhos realizados pelas crianças, nelas podemos observar as narrativas das experiências e das representações das crianças frente a identidades distintas. Assim, Rangel (2009) fala sobre o olhar para com os desenhos, uma vez que estes possibilitam uma compreensão dos modos de ser e de pensar das crianças, possibilitando assim ao pesquisador (a) problematizar as relações existentes entre as crianças e o objeto proposto, pois os desenhos são as representações de suas relações singulares para com o mundo.

Não obstante será também utilizado a transcrição das entrevistas realizadas, análise

de dados, textualização de dados, sistematização dos resultados e observação participante, isto contribuirá para a realização da análise dos processos.

Resultados e Discussões

A pesquisa continua em andamento, porém possuímos alguns dados parciais, o primeiro deles dá-se com relação as múltiplas identidades presentes nos alunos, a hibridização e a alocalidade tornaram-se marcantes nestes. As tecnologias estão bastante inseridas e participantes de suas (re) produções identitárias.

Conclusão

Desta forma, concluímos que as identidades são processos constituidores do indivíduo, em especial o contemporâneo, agora fluidas e inconstantes elas estão em constantes mudanças, torna-se necessário mudar constantemente o que torna a (re) produção identitária um processo constante e continuum.

Enquanto atores sociais, as crianças (re) constituem o espaço social, além de o ressignificarem, elas o mimetizam e estão, portanto, criando diversão terceiros espaços (Bhabha, 1990), o que possibilita uma constante hibridização.

A escola, é um local de convívio forçado entre as crianças, constantemente identidades conflitantes entrem em choque, neste momento é perceptível a alteridade entre elas, e mais especificamente, seus processos identitários. Partimos para uma perspectiva fluida das relações, sobre isto as escolas parecem pouco perceber as possíveis consequências ou pela contemporaneidade do evento pouco sabem lidar com tais.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BHABHA, Homi K. **O terceiro espaço: uma entrevista com Homi Bhabha**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 1990. N°24, p. 35 – 41. Entrevista realizada por Jonathan Rutherford.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 22, n°2, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALL, Stuart. **Language and culture as curricular content**. In: HALL, J. K. Teaching and researching language and cultures. Harlow: Pearson Education, 2012. p. 110-132.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Culturas infantis e interculturalidade. In: DORNELLES (org). **Produzindo pedagogias interculturais na infância**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a03v2691.pdf>. Acessado em maio de 2017.